

ONDE ESTÁ O CÉREBRO?

Luciano de Sousa Cunha

Foi uma pergunta retórica. Simples por assim dizer, porém, nem tanto. Quem diria que essa seria uma pergunta realizada dentro do Laboratório de Psicologia Experimental? Um local destinado à realização de ciência, onde estudamos os princípios do Behaviorismo Radical.

Aconteceu no dia 23 de outubro de 2003, durante uma apresentação do laboratório a alunos que prestariam vestibular no fim do ano, e estavam interessados em conhecer um pouco mais sobre o curso de Psicologia.

Em um dado instante, provavelmente após a emissão de algum comportamento encoberto alguém disse:

- Onde está o Cérebro?

Foi diante deste estímulo, que uma onda de encobertos tomou conta daquela comunidade verbal. Todos se perguntavam:

- O Cérebro? Meu Deus, como assim? Ele desapareceu?

Como poderia o Cérebro desaparecer? Algo tão evidente, que representava tão bem o laboratório, não estava mais lá. Era o fim. Como o curso de Psicologia viveria sem o Cérebro? Que tragédia!

Foi um caos. O que fazer naquela situação tão desesperadora? Afinal, era o Cérebro que havia sumido. Nada mais nada menos que o símbolo do laboratório. O Behaviorismo havia perdido algo, que embora às vezes contestado, normalmente é utilizado como recurso didático.

Foi ali, naquela manhã quente, num ambiente reforçador, com pessoas interessadas em se informar sobre como surgem novos cientistas do comportamento, em meio a comportamentos encobertos e públicos que ele, o Cérebro havia se perdido.

Foi então que, após um breve momento de tumulto e desespero, quando já não se tinha mais esperança, alguém apareceu com a solução:

- Eu sei quem foi!

Uma mistura de alívio e indignação permeou a emissão daquela resposta. Todos responderam àquele estímulo, sugerindo que outra vez, uma onda de encobertos predominava nos sujeitos presentes naquele ambiente científico.

- Eu sei onde ele está. Fui eu mesmo que o escondi ali no cantinho! – Emitiu aquele sujeito uma resposta, a qual sua topografia e função sugeriam mais um comportamento de fuga ou esquivia.

Então, entrando novamente no laboratório, respondendo a uma contingência, formada pelo pareamento daqueles estímulos que denotavam o valor do Cérebro naquele local, que esse sujeito, provavelmente privado de um cérebro que respondesse adequadamente àquela situação, e também encantado com algo tão valioso naquele lugar, se viu obrigado a comportar-se como alguém que tinha sim um Cérebro, evitando uma situação um pouco mais aversiva.

O fato é que o aluno achou que levando aquele Cérebro, ele talvez adquirisse um pouco mais de conhecimento e até mesmo de respeito daquela comunidade verbal. O que ele não sabia, é que esse conhecimento novo se faz através da ciência, por meio de relações de contingências, ou seja, você o adquire através do seu investimento nos estudos.

Foi uma pergunta retórica. Simples por assim dizer, porém, nem tanto. Aconteceu numa manhã de quinta-feira. Alguém tentou privar o laboratório do seu Cérebro, aquele ratinho de brinquedo, que por tantos anos foi o mascote daqueles que ali trabalhavam.